

O JANTAR EM FAMÍLIA

J.L.

Aquêles jantar não se illustrou como o drama, com o desvario da mulher de "Familles en détresse" de Galichet mas era bem triste também. Era num fim de tarde num dos nossos restaurantes.

A família sentára-se à mesa, marido, mulher e duas filhas. Mudos e indiferentes. Os primeiros pratos foram solicitados ao garçon quase apontando com as unhas brunidas o cardápio.

E começaram a comer, tão silenciosos que se não fôsse o rumor intenso dos outros habitués bebendo, podia-se ouvir a mastigação daquêles grupo. Não se dirigiam a palavra, não se comunicavam nem se olhavam mesmo. Advinhava-se essa desinteligência tão comum entre os membros das famílias mal cimentadas, dos nossos dias. Sem ser-se romancista percebia-se que rancores mútuos separava aquêles sêres reunidos à mesma mesa.

Sem dúvida aquêles mesmo silêncio, aquela mesma incompreensão, tinham frequentado anos e anos os jantares em família. Aquela gente tinha vindo até o restaurante para mudar de ambiente, para mudar de comida, e apesar de tudo as bôcas continuavam amargas. Entretanto, o casal se juntára há muitos anos por amor. Amor físico ou interêsse econômicos.

E logo após das filhas nasceras, os jantares, os almoços a mesa sempre foi tão fria. Depois vieram as meninas entregues as schwesters que cuidaram durante tôda a primeira infância de uma bem cevada puericultura. Colégio. Internato. E nos domingos de férias as garotas sentavam-se silenciosas e mornas, à mesa familiar, diante a indiferença dos pais. A mesa sempre fôra apenas a comida. E durante a comida já a vontade mal contida de evasão para os chás, para os cassinos, para os cinemas.

Tinham vindo aquela tarde ao restaurante para mudar de ambiente e entretanto o ambiente numeroso era como as quatro paredes silenciosas da sua sala de jantar.

Haviam comido sem se falar. Como animais. Levantaram-se como se sentaram e desapareceram indiferentes e desunidos mais uma vez no jantar ao qual Cristo jamais fôra convidado.